



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DISCUTIR PARA REDIMENSIONAR SUAS PARTICULARIDADES

BRUTTI, Elizane Aparecida¹

CONTRI, Andréia Mainardi²

LINCK, M. D. Ieda³

SANTOS, Marta Filipa Jorge dos⁴

Resumo: Considerando o papel do professor, da escola e da sociedade para que o ensino de educação de jovens e adultos mude as características apresentadas na realidade escolar dos dias atuais, busca-se fazer algumas reflexões sobre as características desta modalidade de ensino que não pode ser comparada ao ensino regular. A discussão do artigo aponta para uma conscientização sobre o processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido com estes alunos.

Palavras-Chaves: Contexto. Ensino. Aprendizagem. Mudança.

Resumem: *Teniendo en cuenta el papel del profesor, la escuela y la sociedad en la educación de jóvenes y adultos, la educación necessita cambiar las características que se presentan en la realidad escolar de hoy, tratamos de pensar un poco para todo el mundo para comprender mejor las características de este tipo de educación que no se puede comparar a la educación regular. La discusión de los puntos del artículo para una tomada de conciencia del proceso de enseñanza y aprendizaje que se desarrollarán con estos estudiantes.*

Palabras clave: *contexto. Educación. Aprender. Cambiar.*

Introdução

Ao se construir como ser social, o homem protagoniza sua história como sujeito participante na medida em que passa a integrar o contexto de ensino aprendizagem, comprometendo-se, tomando consciência do seu desenvolvimento intelectual. Dessa forma, é desafiado a ser melhor e, através da realidade social, a corresponder com atitudes que

¹Acadêmica do Curso de Letras Português Espanhol Parfor/Unicruz, Mestre em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Santa Maria. Acadêmica do Curso de Letras Português Espanhol Parfor/Unicruz. Elizane.brutti@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Letras Português Espanhol Parfor/Unicruz. Licenciada em Normal Superior- Anos Iniciais. Bolsista Fapergs. E-mail: deiamainardi@bol.com.br

³Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM. Mestre em Linguística- UPF. Bolsista Capes PDSE- Aveiro- Portugal. Pesquisadora do GEL e Docente da Unicruz. Coordenadora do Proenem- Unicruz. imdlinck@gmail.com

⁴Licenciada em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico/2008 - Universidade de Aveiro- Portugal. Doutoramento em Educação, Universidade de Aveiro/2015. Bolsista e participante do Projeto MIRIADI (Mutualização e e Inovação por uma Rede de Intercompreensão à Distância/UA. E-mail: martasantos@ua.pt



evidenciam conhecimentos intelectuais, sociais, históricos, bem como com as questões morais e éticas.

É preciso que se faça dessa tomada de consciência a respeito da educação e consequentemente o ensino da língua, uma forma de provocar e criar condições para que se desenvolva o processo de ensino-aprendizagem, pois a educação se dá, enquanto processo e contexto que deve necessariamente ser levado em consideração, a partir da inter-relação entre sujeitos ensinantes e aprendentes.

Não há receitas de como ensinar, muito menos para a língua portuguesa e pior ainda para a modalidade de Jovens e Adultos, cujos alunos vêm de um descontentamento social e econômico que, muitas, vezes, comprometem o aprendizado; os desafios, quando vencidos, propostos para estes alunos não só modificam a realidade em que eles estão inseridos, como também modificam aos próprios, cada vez mais e de maneira sempre diferente.

Nessa modalidade, principalmente, o conhecimento está ligado ao processo de conscientização e ao nível de importância, e a facilitação da aprendizagem é sempre inacabado, contínuo e progressivo; ela deve ser uma aproximação crítica da realidade que vai desde as formas de consciência mais primitiva até a mais crítica.

No entanto, o estudante de EJA não participará ativamente de sua história se não tiver um reconhecimento prévio sobre a sua realidade e, mais ainda, da sua capacidade de transformar - lá. Recuperar isso, em um curto espaço de tempo, é uma das grandes preocupações do estudante de EJA. Ele tem consciência de que algo falta em sua história, e, muitas vezes, ele nem se sente merecedor. Esse sentimento é característica das populações das regiões pouco desenvolvidas, extrapolando a esfera de estudante. Por isso, toda a ação educativa, para que seja válida, deve ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como do meio de vida que ele leva, enaltecendo a questão dos seus direitos.

Seguindo esta reflexão, sobre a EJA, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) fazem as seguintes ressalvas em sua proposta curricular: está inserida numa política educacional em que se destacam alguns princípios, como a necessidade de unir esforços entre as diferentes instâncias governamentais e da sociedade, para apoiar a escola na complexa tarefa educativa; a prática escolar deve estar comprometida com a interdependência escola/sociedade, enfocando assim o objetivo de situar os alunos como participantes da sociedade, na comunidade e na escola de modo que o conhecimento aprendido resulte em maior compreensão, integração e inserção no mundo.



A educação é fator de suma importância, e por isso, o apoderamento do sujeito passa pelo domínio do discurso, com uso das formas mais primitivas até as mais específicas e padronizadas, que por sua vez, não é um produto acabado, mas sim um aprendizado contínuo. Isso por que:

Geralmente, pensamos que estamos trabalhando para os homens, isto é, com os homens, para a sua libertação, para sua humanização, contudo, estamos a utilizar os mesmos métodos com os quais impedimos os homens de se tornarem livres. Isto se passa deste modo precisamente porque estamos impregnados de mitos que nos tornam incapazes de desenvolver um tipo de ação a favor da liberdade, da libertação. Assim, não é apenas necessário, mas é absolutamente necessário definir ambas estas ações diferentes, antagônicas. Por isso, preciso analisar, de conhecer, de distinguir esses diferentes caminhos no campo da educação. (FREIRE, 1975, p.24).

Para Freire, a educação tem caráter utópico. Quando deixa de ser utopia é porque o futuro já não significa nada para o homem ou porque esse teme arriscar o seu futuro e adquirir conhecimento através do EJA e conseguir dominar as situações presentes.

O indivíduo passa a superar medos através do conhecimento, estabelece uma relação que exige condições, tais como: reconhecer-se, criticamente, como oprimido, onde o diálogo exerce o papel fundamental na percepção da realidade, o que implica em assumir a sua situação e lutar para transformar radicalmente a situação, entendida como transformação da situação concreta que gera em vontade de aprender. Ainda nesta discussão, vale ressaltar:

A educação é substantiva, altera o ser do homem. A não ser assim seria apenas adjetiva, mero ornamento da inteligência. O homem que se adquire o saber passa a ver o mundo e a si mesmo deste outro ponto de vista. Por isso se torna um elemento transformador de seu mundo. Esta é a finalidade essencial da educação. Tal é a razão de que todo movimento educacional tenha consequências sociais e políticas (PINTO, 2010, p. 52-53).

Assim sendo, o ensino da língua assume um significado ainda mais amplo, tal qual o que é dado à educação. É preciso que se faça, pois, desta tomada de consciência a respeito da educação e conseqüentemente do ensino da língua uma possibilidade de provocar e criar condições para que se desenvolva o processo de ensino-aprendizagem. A educação se dá, enquanto processo em um contexto que deve necessariamente ser levado em consideração.

Além disso, é preciso se ter noção de que o educador é uma pessoa, sempre um sujeito, quer quando se prepara ou quando prepara alguém, quer quando se (des)encontra dialogicamente com os educandos. Por isso, a importância de se refletir sobre a construção de um conhecimento que seja capaz de modificar a realidade dos educandos, pois a educação



problematiza, amplia visões, a partir de um constante ato de desvelamento da realidade do aluno de EJA. Essa educação superaria, pois, o autoritarismo do educador com a vontade do educando em aprender. Ou seja,

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e sem seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar: ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo e estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 1974, p.42).

A educação é, portanto, como pedagogia do conhecimento, o diálogo. O processo de ensino aprendizagem de adultos, assim como qualquer outro tipo de ação pedagógica, deve comprometer-se, então, constantemente os alunos com suas problemáticas e situações existenciais.

Na EJA, um professor que esteja engajado no ensino da língua procura desmistificar e questionar, com os alunos, a cultura dominante, bem como as formas de manifestação disso pela linguagem. Na prática, a busca de conteúdos dos textos deverá ser sempre analisada no sentido de expressar o ponto de vista do autor e do grupo social e cultural que representam. O professor procurará criar condições para que, juntamente com seus alunos, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem.

O processo de educação de jovens e adultos é compreendido como um ato de conhecimento, que implica diálogo autêntico entre professor e aluno. Educar em EJA é apostar “no verdadeiro diálogo une os homens na cognição de um objeto cognoscível que se antepõe entre eles” (FREIRE, 1975, p. 29). Nesse processo, os alunos poderão assumir um papel de sujeitos criadores. É necessário que se considere o pensamento e ação, pois:

Aprender a ler e a escrever deveria ser uma oportunidade para que o homem saiba qual é o significado verdadeiro de “falar a palavra”, um ato humano que implica reflexão e ação. Deveria ser considerados como um direito humano primordial e não o privilégio de poucos. Falar uma palavra não é um ato verdadeiro se não está ao mesmo tempo associado com o direito de “expressar a si mesmo”, “expressão do mundo”, criando e recriando, decidindo, elegendo e, finalmente, participando do processo histórico da sociedade (FREIRE, 1975, p. 30).

Acreditar nisso é fazer com que o diálogo seja desenvolvido ao mesmo tempo em que é oportunizada a cooperação, a união, a organização, a solução em comum dos problemas; os alunos participarão do processo de aprendizagem juntamente com o professor.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

Na medida em que os alunos participam ativamente do processo de aprender uma nova linguagem, seus horizontes e a consciência crítica sobre a realidade se aprofundam e os seus pensamentos se encontram cada vez mais próximos da evolução cultural e psicossocial do ser.

O ensino-aprendizagem da língua implica em duas dimensões: ação e reflexão. Deve estar intimamente ligado à educação de jovens e adultos como processo contínuo de tomada de consciência e de modificação de si próprio e do mundo. Os professores devem saber quais as dificuldades de cada educando, e por isso, deveriam direcionar sua prática para saná-las.

No entanto, segundo censo do IBGE, existe cerca de 29,4 milhões de analfabetos no Brasil. O aluno do EJA, de forma geral, é aquele que está à margem da sociedade, sendo equiparado e culturalmente taxado como semianalfabeto, pela baixa qualificação e desconhecimento das regras e normas na língua formal. No cotidiano escolar, falta a referência do mundo real à vida desses jovens, dentre as quais a observação das buscas dos mesmos, em especial à necessidade de recuperar o tempo perdido.

Esses índices poderão ser modificados quando o professor que trabalha em EJA conseguir construir um conhecimento adequado com esse aluno, o qual busca um espaço social através da educação. Conforme Nogueira (2009, p. 02):

Cabe ao professor perceber o que os alunos almejam com os estudos e com base nessa informação ele deve construir uma prática para atender às diferentes necessidades de aprendizagem. Deixar que cada aluno contribua com suas lembranças e experiências é fundamental para que todos se sintam inseridos neste processo. Nesse caso, deve-se priorizar o que é relevante de fato para a turma, ao mesmo tempo repensar as formas de mediação dos conteúdos e de avaliação da EJA.

Na EJA, principalmente, o saber se apresenta como um conjunto de conhecimentos absolutos, em que suas prioridades se mostram real, objetivas e concretas para o que eles estão buscando. Dentre isso, vale destacar o conhecimento para aperfeiçoar a linguagem e argumentação, bem como um melhor reconhecimento na sociedade e a necessidade de superação. A passagem para isso tudo é oferecer-lhes um conhecimento distinto.

Ao ser submetido a um ensino descontextualizado à sua realidade, o educando da EJA assume para si um estigma da incapacidade. Como nos aponta Pinto (2005), os erros mais comuns dessa postura da educação incidem nas seguintes questões: por suposição da ignorância num indivíduo no qual, em verdade, há considerável acervo do saber; pela realidade do iletrado segundo causas abstratas, segundo conceitos imaginários e totalmente inadequados, deixando assim de buscar suas raízes no processo social no qual o indivíduo,



efetivamente se encontra inserido; por não conduzir ao esclarecimento da consciência do indivíduo, mas unicamente no melhor dos casos, conseguem datá-los de habilidades de saber e escrever, que permanece para eles sem finalidade.

Em alguns dos pontos que são citados por Pinto, pode-se dizer que ainda há permanência do paradigma compensatório de suas bases. Os programas de EJA na atualidade insistem em permanecer na prática de muitos educadores, o que caracteriza um grave problema.

Muitos desses problemas passam pela falta de discussões escolares, cujos educadores desconhecem quem são os jovens e adultos que recorrem às aulas na modalidade EJA. Conhecer a comunidade e as características que marcam a vida diária dos estudantes, bem como, seus anseios e expectativas, são saberes fundamentais para se ter uma melhor compreensão de quem é esse indivíduo e o que ele vem buscar na escola.

Brunel (2004) explica que houve um rejuvenescimento da população da Educação de Jovens e Adultos, isto é, cada vez mais os jovens passaram a optar pela modalidade, o que implica na reavaliação das metodologias utilizadas, visto que se entra em um campo com novos interesses, dentre estes a busca pela oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Percebe-se que a presença de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Ensino Fundamental é preocupante: mais de 20% dos matriculados têm de 15 a 17 anos. O número de alunos dessa faixa etária na modalidade não tem sofrido grandes variações nos últimos anos, apesar da queda no total de matrículas.

Dados da Ação Educativa, com base nos Censos Escolares, indicam que, em 2004, eram 558 mil estudantes e, em 2010, 565 mil. Por que esses adolescentes estão frequentando a modalidade, em vez de estar na Educação Básica regular? São vários os motivos. Alguns extrapolam os muros da escola, enquanto outros têm a ver diretamente com a qualidade da Educação, ou seja, envolvem o Ministério da Educação (MEC), Secretarias Municipais e Estaduais, gestores de escolas públicas.

Algumas questões sociais fazem com que, todos os anos, muita gente desista de estudar ou deixe a sala de aula temporariamente: como a vulnerabilidade que alguns estudantes enfrentam como a pobreza, violência, a exploração infantil. "A instabilidade na vida deles não permite que tenham a Educação como prioridade, o que os leva a abandonar a escola diversas vezes. Quando voltam, anos depois, só resta a EJA", diz Maria Clara Di Pierro, docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

Esses dados mostram que é preciso que o educador busque conhecer a individualidade e as circunstâncias que determinam a vida de seus alunos. Isso será possível através de uma pesquisa socioantropológica, que objetiva compreender as identidades dos sujeitos que estão em sala de aula. Após isso, o professor estará preparado para conhecer o contexto dos alunos e direcionar a sua proposta metodológica. Vejamos:

O professor que trabalha na EJA precisa estar aberto para um ouvir mais personalizado. Levar em conta a idade do aluno, sua situação financeira, seus sonhos, seus medos, sua posição de filho (a), de neto (a), de pai, de mãe, de esposo (a) para poder compreender a sua fala (BRUNEL, p. 25, 2004).

Trata-se, portanto, em desenvolver um trabalho em parceria real, social e familiar com os educandos. Uma EJA crítica e transformadora deve romper a instrução e colocar em seu lugar a educação, a qual tem como premissa a análise crítica e transformadora da realidade, rompendo barreiras de uma sociedade estática, elitista e excludente.

Ao trabalhar sob uma perspectiva educacional voltada para a EJA, levam-se os educandos ao desejo de conhecer, possibilitando desenvolver a consciência de que suas ações têm influência nos rumos de uma nova sociedade. Trata-se da superação em nome de uma educação cidadã, voltada para o desenvolvimento dos indivíduos capacitados para atuarem não só no mundo do trabalho, mas também para serem sujeitos de ação, preparados para atuarem na representação vivência da cidadania.

Sabe-se que o indivíduo se socializa e aprende continuamente durante toda a sua vida, pois através da interação com o outro que os indivíduos conseguem um bom relacionamento e capacidade de relacionar-se com o meio. O trabalho apresenta, para o indivíduo, a construção de uma noção mais precisa de extensão e dos limites da cidadania. O avanço da globalização tem provocado uma crescente desocupação na mão-de-obra, tornando as pessoas cada vez mais competitivas, exigindo uma melhor qualificação. Por isso à procura da EJA, fazendo com que as pessoas tornem-se membros integrantes e necessários de uma comunidade – o trabalho.

Cientes disso, é importante refletir profundamente sobre as questões relacionadas à escolarização, pois é amplamente conhecido e aceito que uma pessoa que a possui tem forte influência em conseguir uma ocupação remunerada no mercado formal. Portanto, os indivíduos que possuem um baixo nível de escolarização estão em uma condição de vulnerabilidade social ainda mais preocupante que o restante da população.



Com o reconhecimento dessas questões sociais, a EJA deve desenvolver a capacidade de consciência crítica no processo de aprendizagem, sejam esses educandos ou educadores na comunidade escolar. A linguagem deve ser vista a partir da concepção apresentada na Proposta Curricular Nacional (2001, p.01), a qual alerta:

Os cursos destinados à Educação de Jovens e Adultos devem oferecer a quem os procura a possibilidade de desenvolver as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, bem como a possibilidade de aumentar a consciência em relação ao estar no mundo, ampliando a capacidade de participação social, no exercício da cidadania. Para realizar esses objetivos, o estudo da linguagem é um valioso instrumento. Qualquer aprendizagem só é possível por meio dela, já que é como a linguagem que se formaliza todo conhecimento produzido nas diferentes disciplinas e que se explica a maneira como o universo se organiza.

Assim sendo, a ação pedagógica na EJA não deve ser apenas a transmissão de saberes instrumentais e, sim, a promoção da reflexão sobre os fundamentos que determinam as condições dos educandos que procuram essa modalidade de ensino, como condição de existência a todos os membros da sociedade. A EJA deve ser entendida, enfim, como instrumento de transformação no processo de formação social.

Considerações finais

O educador de EJA deve fazer com que seu aluno reflita e tenha uma visão crítica sobre a realidade, e com isso busque transformar o seu pensamento para um processo de ensino aprendizagem, tornando-o capaz de melhorar sua vida, bem como o contexto em que está inserido.

A EJA deve possuir um caráter transformador na construção da cidadania, pois quanto mais o homem se educa, mais necessidade ele sente de educar-se. Esse processo dá-se também através das novas tecnologias existentes no processo educacional, pois atualmente o uso das redes sociais, televisão, imprensa escrita e digitalizada, em sua maioria, é um definidor importante do meio, bem como torna as pessoas mais informadas e de difícil manipulação.

Faz-se necessário que o educador de EJA não fique à margem do processo de mudança que vem ocorrendo. Deve, necessariamente, realizar formação continuada, com a finalidade de proporcionar ao educando um ambiente educativo e facilitador para as novas possibilidades no mercado competitivo de trabalho. Além disso, deve buscar a transformação



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

do pensamento educacional, com os novos recursos existentes e utilizá-los com competência na construção de saberes, fazendo o aluno de EJA evolua diariamente e busque novos caminhos para a sua inclusão como cidadão social.

Paulo Freire idealizou e testou tanto um sistema educacional quanto uma filosofia de educação, primariamente nos vários anos de seu ativo envolvimento na América Latina. Encerramos dizendo que a concepção educacional freireana centra-se no potencial humano para a criatividade e a liberdade no interior de estruturas político-econômico-culturais opressoras. Ela aponta para a descoberta e a implementação de alternativas libertadoras na interação e transformação sociais, via processo de "conscientização".

Sendo definida como o processo permanente e contínuo, no qual as pessoas atingem uma profunda compreensão, a educação, tanto da realidade sociocultural que conforma suas vidas, quanto de sua capacidade para transformá-la, fará a diferença a partir da prática pedagógica do docente. Não há educação sem construção. Freire experimentou várias expressões da opressão. Ele as usou para formular sua crítica e análise institucional, dos modos pelos quais as ideologias dominantes e opressivas estão encravadas nas regras, nos procedimentos e nas tradições das instituições e sistemas.

Enfim, fazendo isso, será levada adiante a concepção de Freire, pois permanecerá o que é utópico mantendo-se a fé na capacidade do povo em dizer sua palavra e, dessa forma, recriar o mundo social, estabelecendo uma sociedade mais justa.

Referencias Bibliográficas:

BECHARA, Evanildo de. **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade? 11 ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2014.

BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975. 150 p.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

_____. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975. 218 p.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998. 165 p. (Coleção Leitura).

_____, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 7. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997. 234 p.

PINTO, V. Sete lições sobre educação de jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 2005.

<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/jovens-15-17-anos-estao-eja-639052.shtml>
(acesso em: 19-12-2013).

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/vol2_linguaportuguesa.pdf (acesso em: 14-05-2015).

<http://pt.slideshare.net/isabepaiva/7-lies-sobre-educao-de-adultos> (acesso em: 14-05-2015).